

O Diário de Campo dum "Espaço Perigoso"

Tiago Neves e Luís Fernandés

No desenvolvimento urbano resultante da Revolução Industrial, as cidades conheceram um crescimento demográfico e uma complexificação interna sem precedentes. O afluxo aos espaços urbanos em expansão concentrou heterogeneidades grupais, produzindo vizinhanças conflituais e divergências no consenso sobre o modo de habitar a cidade. A literatura da época e os estudos históricos documentam as dinâmicas de territorialização que daí resultaram, salientando o aparecimento e a cristalização numa paisagem urbana marcada por contrastes, de zonas de má fama. Exemplifique-se com os materiais revelados por uma monografia histórica sobre o "Quartier Les Passages", situado na periferia parisiense da segunda metade do séc. XIX: "(Nesta periferia) vive uma fauna nauseabunda e lasciva. Sobre esta torre de desordem não haveria senão ocupações estranhas e criminais. (...) Os atributos dos maus pobres parecem constituir um todo indissociável e o seu bairro um recipiente de culturas de desviância". (Gervaise, 1991).

A associação cidade - criminalidade - insegurança está, pois, desde a emergência da metrópole moderna, ligada a determinadas configurações territoriais que seriam o habitat de grupos marginalizados, cujo conjunto desenhou - e continua hoje a desenhar - a imagem da "cidade perigosa". Há, pois, uma determinante espacial do sentimento de insegurança que vem de longa data: cada cidade teria os seus "espaços perigosos". O OPS conduziu uma pesquisa de terreno num espaço que a cidade do Porto cataloga como perigoso, revelando-o tanto através do discurso mediático como através do rumor quotidiano. Elegemos essa investigação para dar continuidade à secção inaugurada no número anterior, que pretende dar conta dos dados mais ou menos em bruto com os quais se constroem hipóteses e conclusões sobre os fenómenos da insegurança urbana e do sentimento de insegurança.

O material que apresentaremos a seguir diz respeito às notas de diário de campo do investigador que conduziu pesquisa etnográfica num bairro da periferia oriental do Porto. O diário de campo é o instrumento fundamental desta estratégia qualitativa de investigação, tendo como objectivo primeiro fixar dum modo detalhado as observações directas levadas a cabo na interacção com os actores e as situações do terreno. O investigador anota também comentários, hipóteses, reflexões teóricas - e, quando o acumular dos dados o permite, as descobertas que o olhar etnográfico, intenso e proximal autoriza.

Este tipo de material é, ainda, combinado com outras fontes de dados: recolha de depoimentos, entrevistas mais-ou-menos estruturadas, recolha de materiais sobre a zona e os indivíduos ou grupos em estudo, registos fotográficos ou filmados... O trabalho etnográfico recorre também à utilização de indivíduos do próprio contexto, os informantes privilegiados, cujo papel de facilitadores de contactos e de naturalizadores da presença do investigador é determinante para a possibilidade de êxito da pesquisa.

Este conjunto heterogéneo de materiais constitui uma base de dados empíricos com os quais se constroem os resultados da investigação². No nosso caso, organizámos a monografia final de modo a dar conta das práticas quotidianas dos actores que, no bairro, protagonizavam a cena de rua ligada às drogas. Documentámos também a sua reacção ao controlo social formal, nomeadamente às suas interacções e representações da polícia e aos contornos da organização dum cultura de resistência, revelada nas relações dos actores do bairro com a cidade, através da mediação da escola e do trabalho.

A abordagem etnográfica dum "espaço perigoso" permitiu, deste modo, descer ao pormenor da sua organização interna e das relações que estabelece com a cidade dominante, desconstruindo o simplismo do estereótipo com que estas zonas são olhadas. Não se trata, com o trabalho etnográfico, de repôr alguma verdade essencialista, de absolver o que está estigmatizado ou de condenar a reacção social - trata-se de descrever a anatomia dum fenómeno, procurando-lhe os ângulos que escapam ao olhar de longe do senso comum.

[À tarde, no bairro do Cerco, acompanhado pelo meu informante privilegiado, o M.].

"À medida que descemos (a rua) e constatamos que não há lá polícia - o M. diz-me que ela esteve lá na sexta-feira - reparo também que, embora sejam perfeitamente visíveis 15/20 pessoas em torno da esquina, o movimento de compra e venda (de drogas) não me parece tão intenso como no passado. Comento isto com o M., ao que ele me responde que tenho uma certa razão e diz: «Sabes, parece que não, mas o barraco da Associação de Moradores albergava muita gente, estava muita gente lá à volta».

O M. diz-me que agora o São João de Deus é que está a dar; e o seu comportamento parece confirmá-lo, pois está sempre a ir para lá e a pedir-me que o leve até lá...

Quando chegamos perto de alguns indivíduos, o M. adianta o passo e diz qualquer coisa que não percebi bem (...). Ao aproximar-me, percebi que ele protestava junto

Investigação

de um dealer o facto de um outro lhe ter vendido produto marado em vez de heroína; de um momento para o outro, o M. transforma-se sem que nada o indicasse: afastou-se de mim, levantou a voz ao outro tipo com quem falava - um dealer-junkie, via-se pelos braços picotados... - e mostrou-se altamente irritado. Diria que, de repente, sintonizou noutro canal.

Aproximou-se depois uma rapariga - que o M. me disse não ser do bairro - furiosa por também ter levado o mico. Dizia ela, em voz alta, que ia armar estrilho, que ia resolver o problema ali e no momento, que as coisas tinham de ser resolvidas no momento e não «como vocês fazem, a esperar dias» (falava para o M. e para o outro). Furiosa, dizia que estava à espera que o outro dealer aparecesse para armar estrilho, e afirmava: «Não quero saber que a puta da bófia apareça (por causa do estrilho)».

Irrequieta e furiosa, desandou para outro lado, provavelmente à espera de encontrar o tipo que a tinha enganado, vendendo uma coisa por outra. Já de longe, disse: «É indecente: há gente que fica aqui 12 horas à espera...». Penso para mim que, no Cerco, um cliente estar 12 horas à espera que o sirvam parece altamente improvável...

O M. ainda pergunta ao outro tipo: «Tens pó?», ao que ele retorque, modificando o volume e o tom da linguagem: «Daqui a 5 minutos». Realmente, as 12 horas de espera parecem-me um exagero...

Enquanto conversamos, os rapazes das motas vão guiando e acelerando em seco também por esta rua (...). Sentem-se à vontade neste território, isso é nitido. E as motas, o constante rugido das máquinas, para cima e para baixo, parece indiciar uma marcação territorial, possivelmente combinando também o útil - a vigilância territorial - com o agradável - andar de mota num dia quente, com roupas leves; exibir-se perante as raparigas que estão nos passeios (...).

Quanto ao mico de que foi vítima, [o M.] diz-me que o que vai fazer é, da próxima vez, vir-se embora sem pagar o produto, isto se for um pacote de heroína, que vale 1000\$00; ou então só dá 1000\$00 por uma base de coca, que vale 2000\$00. Parece-me ser uma forma habitual de resolver estes problemas, pelo menos entre conhecidos; de facto, o dealer-junkie com quem o M. falou dizia-lhe que o outro depois o compensava. Já quanto à rapariga de fora, diz-me o M., «Não vai conseguir resolver nada».

Notas de terreno de Tiago Neves, 15 de Junho de 1997

[Em casa do P., toxicodependente e dealer de rua].

"A conversa vai decorrendo no quarto do P., que deve ter 10 metros quadrados e onde há uma mesinha redonda com uma televisão a cores, uma outra com uma aparelhagem e uma consola de PlayStation em cima, uma cama com estantes por cima e um armário aos pés da cama, e um sofá individual no qual estou sentado. O espaço livre é pouco.

Falamos um bocado de jogos de computador, de futebol e depois, já não sei bem como, voltamos ao tema do consumo de drogas, e o P. mostra-me um blusão Chevignon que supostamente é vendido (nas lojas) por «noventa e tal contos» e que ele comprou por vinte a um tipo que estava a ressacar... Mostra-me também um telemóvel, que diz ter arranjado barato. Mostra-se auto-irónico: «Anda aqui um tipo sem dinheiro para nada e com um telemóvel destes...». Arranjou também já CD's a preços muito baratos «comprando a quem precisa de dinheiro». Diz-me, no entanto, que nunca roubou ninguém e que quando era empregado de certas pessoas do bairro nunca deu o mico nem vendeu gato por lebre. Fala com desprezo dessas pessoas: «Veja lá, uma vez estava em casa dele, a contar dinheiro em cima da cama. Tinha contado para aí 600 contos. O tipo vem e diz-me: - O P., não te esqueças que me debes 2 contos! Respondi-lhe logo: - Veja lá que lhe estão a fazer muita falta...». O P. tinha-me contado que, na noite anterior, um empregado tinha levado uma pedrada em cheio na cara - foi para o hospital - por se ter "esquecido" de devolver o dinheiro obtido nas vendas do dia anterior ao patrão...

Confirmo com o P. que 1 pacote por cada 10 vendidos é entendido como um mau pagamento aos empregados. Para o P., um bom pagamento é, por exemplo, 3 em 20. (...)

Diz-me também o P., a certa altura, que há muita gente a ganhar dinheiro através das drogas: «É o bairro inteiro a mamar». Pergunto-lhe o que é que ele quer dizer com isso (aqui fiz-me de sonso) e ele diz-me que é verdade, que isso acontece porque há muita gente que não vende mas ganha dinheiro. «Como é que isso acontece?», pergunto eu. O P. enumera então uma série de mecanismos: guardar produto 1 ou 2 noites (normalmente são as pessoas mais insuspeitas que fazem isto - idosos, por exemplo - e recebem entre 5 e 15 contos por dia); receber dinheiro para «não meter a boca no trombone»; receber dinheiro para alugar a casa para a venda de produto (a isto chama-se «entregar a casa à morte» e rende aproximadamente 15 contos por 3 horas). O P. diz que o Cerco faz 3000 contos de vendas de droga num dia normal e 5000 num dia bom".

Notas de terreno de Tiago Neves, 19 de Julho de 1999

¹ P. Gervaise (1991). Les Passages: Quartiers de Levallois - Perret: Banlieue Parisienne. Exemple Historique d'un espace à forte réputation d'insécurité (séc. XIX-XX). *Déviance et Société*, vol.15, n°3, pp.259-273.

² Ver Tiago Neves e Luis Fernandes, "Periferias urbanas, sentimento de insegurança e controlo social", vols. I e II, Relatórios de Investigação do OPS, respectivamente 1997, 1999.